

A ARTE NA ANTIGA ROMA

João RIBEIRO JÚNIOR

INTRODUÇÃO

Acompanhando o poeta Horácio (**Epístola, II**) que escreveu: "A Grécia cativa transformou seu selvagem vencedor em escravo, e introduziu as artes no rústico Lácio", os historiadores da Arte, até o final do século XIX, afirmavam que a arte romana, em sua essência, nada mais era do que uma fase de decadência da arte grega. O que era só parte da verdade, pois esses historiadores não notaram que havia uma diferença marcante entre as duas artes, assinalada, na expressão da consciência histórica dos romanos.

Realmente, enquanto os gregos procuravam plasmar os acontecimentos da vida individual e as grandes realizações políticas, através do espelho da Mitologia, os romanos consideravam que os fatos históricos concretos eram, também, dignos de representação artística. Em suma, a arte romana é muito mais realista do que a grega.

Como a palavra "arte" associa-se, em geral, as artes chamadas "plásticas" ou "visuais", este artigo trata da arquitetura e urbanismo, da escultura, da pintura, do mosaico, das artes menores (vasos e jóias) e, também, da música e da dança, porém não inclui a literatura, porquanto só ela, riquíssima que é, ensinou um livro a respeito, que será publicado oportunamente.

ARQUITETURA E URBANISMO

Em arquitetura, Roma recebeu a influência dos etruscos, que usavam o arco, que já era conhecido dos assírio-babilônicos, e a **abóbada**. Os romanos preferiam o **arco semi-circular** (que será copiado pela Europa do

Renascimento). **Aabóbada**, embora também fôsse conhecida na Babilônia, foi aprimorada e largamente aplicada em Roma, a partir da chamada "**abóbada de berço**" (de seção semi-circular, com pedras pesadas e maciças), usada nos sistemas de esgotos.

A arquitetura dórica e a coríntia também influenciaram a arquitetura romana, com o predomínio da **platibanda** sobre colunas, e ainda, com a criação da **composta**, colunas com robustas volutas jônicas ao capitel de fôlhas de acanto coríntia.

O emprego de madeira e tijolos, que os romanos aprenderam a fazer com os egípcios, foi substituído pelo uso de pedras e mármore.

Eram quatro os estilos arquitetônicos romanos: o de platibanda, á maneira grega; o que colocou arcos entre as colunas, por baixo do entablamento (conjunto da arquitrave, friso e cornija); o que apoiou os arcos sobre as colunas, fragmentando os entablamentos; e o que se utilizou de cúpulas.

Usavam-se o tufo (calcário poroso), esquadrihado em grandes blocos (**opus quadratum**), vindo da Campânia; o cimento (**opus cementicium**), formado de cal misturado com pozolana (cimento hidráulico); e o **hormigon**, mistura de diversos materiais ligados por cal e cimento. O revestimento de parede em tijolo cozido chamava-se **opus latericium**, e o de mosaico em basalto, pórfiro ou granito, **sectile**. **Signinum** era o revestimento de restos de telhas moídas. Na cidade, a tarefa de construção estava nas mãos de escravos arquitetos e pedreiros, mas nas províncias, eram os soldados quem se encarregavam do trabalho.

Roma cresceu no curso dos séculos de maneira desordenada. No século VI antes da nossa era, as aldeias do Palatino e do Quirinal fundiram-se formando a cidade de Roma, á qual foram unindo outras pequenas comunidades agrárias. Esta cidade camponesa, situada acerca de 20 kms da costa, na pantanosa margem oriental do Tibre, apoiava-se num território de 12 000 quilômetros quadrados, com mais ou menos 400 000 habitantes.

Contudo, Roma já possuía grandes obras públicas como a **Cloaca Máxima**, principal coletor de esgotos urbanos, que despejava seu conteúdo no Marrana, um afluente do Tibre, construída no governo do etrusco Tarquínio, o Soberbo. O leito da Cloaca foi estruturado com pedras vulcânicas; as paredes, com blocos de tufo de 2,5m de comprimento; 0,8m de espessura e 1m de largura. Esses blocos de pedra não recebiam argamassa, mas eram presos uns aos outros por grampos de ferro, firmados por dentro com chumbo. Para evitar que a Cloaca desprendesse mau cheiro, ela era lavada regularmente com água derivada do aquedutos.

Os romanos conheciam dois sistemas de transportar a água: o de canalização subterrânea, através de tubos de ferro, bronze ou chumbo, e o aqueduto em arcos suspensos, que aprenderem dos etruscos, cujo comprimento variava de 8 a 85 kms., com elevação total de mais de 60 metros, e com uma largura variável entre 0,50 e 1,20 m, e que podiam ser retangular, arqueado, triangular ou trapezóide. O primeiro aqueduto, que percorria 81 kms, foi o **Aqua Marcia**, construído em 144 a.C.; porém o mais belo foi o edificado em 38 d. C., por Calígula e Cláudio, com 72 kms, chamado **Aqua Claudia**, que ainda subsiste em ruínas.

Só após as guerras Púnicas (343 a 290 a.C.), Roma começou a estender o seu poder sobre toda a Itália. Durante o período real etrusco, e novamente no século V, Roma obteve supremacia no Lácio, hegemonia que perdeu por diversas vezes. Em 338 a. C, conseguiu consolidar finalmente a sua posição. A partir de então, para unir as regiões vizinhas, Roma criou o sistema de colônias.

As colônias receberam a cidadania romana parcial ou total, e foram incorporadas ao Estado romano sem perder seu governo municipal próprio. Deste modo, a Itália era o domínio próprio de Roma desde o Rubicão até Messina, e não constituía província; tinha o governo sem os privilégios reservados aos cidadãos de Roma. Os italianos eram súditos de várias ordens: nas cidades latinas eram autônomos; na segunda categoria eram municípios, e na terceira, eram sujeitos, governados por prefeitos romanos e eram simples aliados. Essas distinções desapareceram com as guerras civis e à Itália inteira foi concedida cidadania romana.

A primeira província ou governo externo foi a da Sicília, após a primeira guerra Púnica. Deu-lhe Roma um pretor com poder administrativo, militar e judiciário, e esse foi o tipo adotado nas conquistas subseqüentes. No tempo das guerras civis dos Gracos, a República romana contava com onze províncias no Ocidente e no Oriente: Sicília, Sardenha e Corsega, Galia cisalpina, Macedônia com a Tessalia, Ilíria com o Épiro, Acaia (Hélade e Peloponeso), Ásia Menor, África (Cartago), Espanha citerior, Espanha ulterior e Galia narbonense. Na época imperial, aumentou grandemente a expansão romana. Na Itália, como nas províncias, os romanos estabeleceram obras estratégicas, fortalezas, portos e, principalmente, estradas militares.

E assim Roma se estendeu para além das **Muralhas Servianas**, que dizem foram construídas por Sêrvio Túlio, no século VI antes da nossa era, e que atingiam 10 m. de altura, numa extensão de 11 kms. (Os restos da muralha encontrados hoje em Roma não pertencem a esta, mas sim a uma outra construída depois da invasão dos gauleses, em 389 a.C.). Em Óstia, porto na

foz da Tibre, construiu-se a primeira cidade-fortaleza, a partir de um castelo (**castrum**), que formava um retângulo dentro de muralhas de 6m. de altura.

Praticamente, todas as cidades fundadas pelos romanos imitaram Roma. Roma, antes do incêndio atribuído a Nero, em 64 d.C., era uma cidade que se estendia num diâmetro máximo de 5 kms, limitada por muralhas, a partir das quais ficava o **Pomerium** (fronteira sagrada em volta da cidade, onde não era permitido construir nem cultivar). Em seu centro erguia-se o **Forum**, com pórtico dórico, que lhe tomava os três lados, ornado de estátuas. O **Forum** ocupava a zona entre o Palatino e o Capitólio, onde os habitantes, das aldeias primitivas costumavam reunir-se e negociar com gado e laticínios com os etruscos e os itálicos dos arredores. Ao lado dele, encontrava-se a **Basilica**, rodeada de um peristilo, onde reuniam-se os comerciantes, e se administrava o **Jus Gentium** (direito das gentes, consequência da expansão romana. Era um direito universal para o comércio, reconhecido e praticado por todos os comerciantes do Mediterrâneo). Este edifício tinha planta retangular: o retângulo dividia-se em naves e estas eram em número de três: as laterais de dois pavimentos e um hemicírculo de fundo, que era a abside. A basilica considerada a mais bela, é a **Basilica Nova** de Maxêncio ou de Constantino, que a terminou em 313 d.C. Com o advento do Cristianismo as basílicas transformaram-se em igrejas católicas.

Havia ainda os **Templos**, que seguiam a tradição grega com planta circular. Alguns desses templos serviam para guardar objetos de propriedade do Estado; outros transformaram-se em Museu, nos tempos do Império. O Senado romano, durante a República, só se reunia num templo. O mais antigo templo foi o consagrado a **Júpiter Capitolino**, datado de 509 a. C., incendiado e reconstruído várias vezes. O único grande templo dos tempos do Império que ainda se conserva é o **Panteon**. Este templo foi erguido por Agripa, em 27 a.C., em honra de Marte, Vênus e dos antepassados de Augusto; semi-destruído por um incêndio em 80 d.C., foi reerguido por Domício (81-96) e novamente danificado por um raio no tempo de Trajano (98-117); sendo completamente reconstruído por Adriano (117-138), e finalmente restaurado por Septímio Severo (193-211) e Caracala (211-217).

O **Panteon** é um enorme edifício circular, ao qual se conjuga o pronau retangular, único elemento grego de uma arquitetura tipicamente romana. Ele é recoberto por uma cúpula esférica, no centro da qual, através de uma ampla abertura circular, penetra a luz que se expande de maneira uniforme e ilumina os sete nichos alternadamente circulares e retangulares.

Do centro da cidade de Roma saíam duas ruas retas principais: o **Decumanus** (de este a oeste) e o **Cardo** (de norte a sul), que dividiam a cidade

em quadras, que eram cortadas por ruas estreitas e tortuosas. É de notar que poucas ruas tinham nome e nenhuma casa tinha número. Os bairros mais aristocráticos eram o Palatino, residência dos imperadores, o Célio e o Aventino, onde residiam os aristocratas e os ricos; os mais populosos encontravam-se na vertente oposta do Têvere.

A plebe vivia nas **Insulas** (cortiços), casas de aluguel com cinco a seis andares, que compunham-se de vários apartamentos de um único aposento, com simples abertura na parede, ao qual se chegava por uma galeria no lado interno do pátio. O andar térreo era usado para lojas ou para um apartamento mais refinado. Estes prédios, que tinham alcançado 35m. de altura, foram rebaixados para 21m, e depois, para 18m. Ali viviam até 20 famílias.

Por volta do século IV a.C, havia 46 000 **insulae** em Roma. Estes prédios eram construídos com materiais tão frágeis que, quando não desabavam, pegavam fogo. Augusto ordenou que as **insulae** fossem cercadas com altos muros para evitar que os eventuais incêndios comunicassem a outros bairros. As **insulae** e os terrenos em volta da cidade estavam nas mãos de uns poucos especuladores, que viviam à custa deles, como Cícero, que para evitar os inconvenientes do inquilinato, que aliás não tinham nenhum direito, arredavam para terceiros.

O aristocrata e o romano rico moravam na **domus** ou na **villa**. A **domus**, habitação voltada para o interior e ao ar livre, de influência grega, sofreu larga evolução. A princípio tinha planta retangular ou quadrangular de teto pontegudo, sustentado por quatro estacas, cobertas por paredes com poucas aberturas exteriores; depois apareceu o **atrium** (**omegaron**, edifício grego, da Idade do Bronze, com terraço e lareira central no aposento principal), cujo teto apresentava uma abertura (**compluvium**), destinada a permitir a iluminação solar de toda a casa. À noite, a casa era iluminada por tochas colocadas em lugares estratégicos ou levadas por escravos. A chuva, que se precipitava pelo **compluvium** era atraída a um tanque (**impluvium**), cujas bordas eram ornamentadas de pedras preciosas, no interior do **atrium**. Um buraco feito num dos lados desse **impluvium**, e dotado de bocal cilíndrico, serve-lhe de ladrão, que se comunica com uma cisterna no subsolo.

Era no **atrium** que ardia o fogo doméstico (**lares**) e se venerava as imagens dos antepassados (**penates**), e desenrolava-se a vida oficial do **pater-familias**. Ao redor do **atrium** erguiam-se os cômodos da casa: os quartos de dormir (**cubiculum**); acima do leito, o teto era mais baixo do que o resto do quarto, e sempre abobadado, assim o leito ficava como que colocado num nicho; a sala de refeições (**triclinium**) e um aposento chamado **tablinium**, sala de arquivos e de reuniões.

Havia ainda recintos para os escravos (**ergastulum** era a prisão onde os escravos pagavam qualquer erro cometido) e, como na casa do intelectual Cícero, uma biblioteca. Outro corredor levava para a parte posterior, onde se abria o **peristilium**, parte mais recuada de casa, que era composto de um jardim de inspiração grega, com canteiros de flores, estatuária e tanques de água, contornando em toda a volta por um pórtico, geralmente em plano elevado e sustentado por colunas. Era aí que se encontravam o **exedra**, lugar para conversar; a **zotheca**, para negócios; e a **pynacotheca**, para as obras de arte. Era nesta parte, também, que localizava-se a cozinha, pequena e escura. A fumaça saía por uma janela, ou por uma abertura no teto, já que não havia chaminés. Perto dela estavam as instalações sanitárias, geralmente em cubículo escuro.

Além da porta de entrada (**janua**), (É de se lembrar que se entrava numa casa romana diretamente por uma porta para rua, como na nossa; o costume era do abrir-se uma porta a meio caminho do corredor, que ia do lado de fora até **oatrium**), que continha duas partes: **olimen** (umbral) e **ofores** (porta propriamente dita), só havia um outro acesso: **oposticum**, entrada de serviço. Só colocavam-se janelas, com chapas grossas e placas de vidros coloridos, quando o **domus** possuía mais de um pavimento.

Nas casas de maior luxo, o conforto era dado pelos **hipocaustos**, sistema de aquecimento, através de tijolos vazados.

A **villa**, casa de campo, era construída à semelhança da **domus**, mas com um número maior de aposentos e jardins internos. Usavam-se na **villa**, mármore colorido para os revestimentos exteriores, como o pórfiro (mármore esverdeado). Nos terrenos adjacentes havia parques com estátuas, piscinas, viveiros de pássaros e de peixes. O conjunto da **villa** formava-se com alojamento para escravos, estábulos, granjas, oficinas, etc. Foi no século II d.C., quando as áreas ainda livres em Roma foram ocupadas por bairros populares, que cresceu o prestígio das **villae**.

Com o Império, a arquitetura vai ocupar lugar de destaque no programa de propaganda imperial. Administrativamente, Roma foi dividida em 14 "regiões", cada uma das quais possuía um quartel de bombeiros, um magistrado supremo e um conselho de 48 magistrados menores eleitos anualmente pelos habitantes do bairro, e ainda um certo número de médicos municipais. Mesmo depois que Roma se tornou uma metrópole, os centros da vida cidadina permaneceram o mesmo. As lojas, que na época republicana começaram a ser banidas do centro de Roma, e relegadas para as vizinhanças, e ao longo do Têvere, voltaram para se instalarem atrás do Fórum.

Constroem-se mais **templos e arcos de triunfo**, símbolo do culto da personalidade, e, mais tarde, do Império. Os **arcos de triunfo** originaram-se nas portas das muralhas que limitavam algumas cidades romanas. Os imperadores Tito (79-81) e Constantino (312-337) tiveram os seus arcos, em Roma; o de Tito era de um vão só; o de Constantino, de três. Apareceram as gigantescas e luxuosas **termas**. Centro social por excelência, as termas mais famosas foram as do tempo de Tito, de Trajano (98-117), de Caracala (211-217), cuja área era de 25 000m², e de Diocleciano (284-305). As termas prestavam seus serviços a ambos os sexos, em separado; sendo que na época da decadência as piscinas passaram a ser usadas em comum, onde abundavam pederastas e cortesãs. Os serviços consistiam em banho dentro de atmosfera, aquecida, banhos frios, com imersão em piscinas.

Osteatros, que acompanhavam a planta helênica, desenvolveram-se nos chamados **anfiteatros**, cujo exemplo máximo é o **Coliseu**. O **Coliseu**, com 48,50m de altura, 524m de circuito externo; eixo maior da elipse, 187,77m; eixo menor, 156,63m, surgiu em 75 d.C., quando Vespasiano mandou cobrir o lago da **Domus Aurea** (Casa Dourada, de Nero), a fim de poder iniciar aí a construção de um anfiteatro que, originariamente, tomou o nome de sua família - **Anfiteatro de Flávio** - e que só foi terminado em 80 por Tito. O **Coliseu** tem forma elíptica e podia conter cerca de 50 000 espectadores. A arena oval, construída sobre uma rede de passagens subterrâneas com jaulas para animais, podia ser inundada até uma profundidade de 1,5m para as **naumachiae** (batalhas navais), pois seu assoalho de madeira era desmontável. A arena é inteiramente circundada por um alto muro de quatro planos ou andares; os três primeiros são de arcos idealmente suportados por colunas, de ordens dórica, jônica e coríntia, de baixo para cima. No último andar abrem-se pequenas janelas retangulares e separadas umas das outras por pilastras coríntias. Do lado norte, uma entrada dava ingresso ao camarote da família imperial, que confrontava com o dos altos magistrados, sacerdotes e vestais, do lado oposto. As bancadas mais elevadas destinavam-se aos patricios, acima dos quais se sentavam ou ficavam de pé os plebeus. Entre os degraus, numerosas escadarias e amplos corredores (**vomitória**) facilitavam o vaivém do público. Durante os combates de animais selvagens, erguia-se uma rede metálica em torno da arena; e para proteger os espectadores do sol e da chuva, colocavam-se toldos (**velarium**) sobre as bancadas.

Em sua inauguração, que se prolongou por 100 dias, morreram 9000 animais selvagens, e muitos gladiadores. No século VI, o **Coliseu** caiu em desuso, sendo no século XIII transformado em fortaleza. Sofreu vários incêndios, e aos poucos suas pedras foram utilizadas na construção do Palácio

de Veneza, na Basílica de São Pedro, e em outros edifícios do Renascimento. Augusto, em 29 a.C., mandou construir um anfiteatro para as touradas (**taurilia**), paixão dos romanos, chamado **Statilus, Taurus**. (As touradas ou tauromaquia remonta a antiguidade cretense, seu aparecimento na Península Ibérica deve-se aos romanos. Conta-se que o primeiro matador de fama foi Rodrigo Diaz de Vivar, El Cid, que no século XI divulgou o hábito de enfrentar touros montado a cavalo, e munido de uma lança).

Mas havia, também, para os divertimentos, os **circos** com pistas alongadas, tribunas laterais para o público, e no centro um muro baixo para dividir a pista (**spina**, espinha), que refletiam seus modelos gregos. O mais notável foi o construído por Nero (54-68), chamado **Circo Máximo**.

Além desses edifícios, construíram-se suntuosos túmulos, imitando originais egípcios ou gregos. O mais extraordinário é o do imperador Adriano (117-138), de influência oriental, às margens do Tibre. Hoje propriedade do Vaticano, é conhecido com o nome de **Castelo Santo Angelo**, devido a estátua do arcanjo Miguel colocada no vértice do edifício, por Gregório Magno, que teve a visão de um anjo, que lhe anunciou o fim da peste em Roma. Outras obras grandiosas foram construídas na Itália setentrional e na França, dando assim continuidade a arquitetura romana, que, plena de vitalidade, atravessou a história com os nomes de **arquitetura latina ocidental, bizantina, romântica e gótica**.

Em 25 a.C., Marco Vitrúvio Polion escreveu a mais famosa obra sobre a técnica e a arquitetura de Roma: **De Architectura**, em 10 volumes. Segundo Vitrúvio, os arquitetos devem ter talento, saber desenhar, conhecer aritmética e geometria, e ter noções de história, filosofia, jurisprudência, astronomia e música. Este ideal de cultura se converteu em modelo para o Renascimento.

Com as perseguições aos Cristãos, desenvolveu-se no subsolo de Roma uma arquitetura característica: as **Catacumbas** (do grego, cavidade subterrânea), escavações labirínticas de até 500 kms além do perímetro urbano, formadas pela extração de pedra ou de areia para as construções. As **Catacumbas** formam uma rede de galerias subterrâneas chamadas **ambulacra**; as cavidades dispostas horizontalmente, que serviam de túmulos, os **loculi**; e as câmaras sepulcrais, os **cubicula**. As tumbas mais importantes, fechadas em um arco, chamavam-se **arcosolium** (arco formado pela parte superior da tumba) e **solum** (grandes recipientes balneários de mármore em forma de caixa). A palavra **Catacumba** foi usada pela primeira vez para designar o cemitério de São Sebastião que fica entre o cemitério de Calisto e o sepulcro de Cecília Metela (filha de Quinto Cecílio Metelo, o conquistador de Creta), na Via Ápia. As

Catacumbas eram jazigos de família, cujos proprietários permitiam que se sepultassem os mártires cristãos. A mais antiga é a de Priscila, na via Salária (Priscila, mãe de S. Prudente, teria hospedado S. Pedro em sua casa).

Por volta do século III, edificaram-se várias catacumbas na Via Ápia, que correspondem às atuais catacumbas de Calisto, conhecidas como "o túmulo dos papas", pois ali se encontram sepultados 14 pontífices. Serviram, também, de sepultura à martir Sta. Cecília. De 313 a 410, formou-se imensa necrópole subterrânea; e, finalmente, no século VII, quando os cristãos já não precisavam freqüentá-las, trasladaram-se alguns corpos de mártires para as principais basílicas de Roma. São conhecidas, além das citadas, as seguintes catacumbas: do Vaticano, da Vinha Máxima (é a mais profunda, com cinco andares), Ciriaca ou de S. Lourenço, de S. Valentino, de S. Castulo, de Sta. Inês, de Comodila, de Domitila, de Sta. Felicidade.

ESCULTURA

O fim do período republicano, por volta de 43 a.C, coincide com o término da influência etrusca, quando, então, a escultura helenística começa a se impor aos romanos, apesar das constantes críticas do censor Marcio Porcio Catão. É a partir do século II a.C. que surge a escultura romana.

A religião primitiva romana era animista; não existiam representações antropomórficas dos deuses. Assim, quando os generais, no tempo das guerras nacedônicas, pilharam os templos greco-orientais e importaram as estátuas gregas como despojo de guerra, estas apenas serviram para a decoração das casas. Um exemplo de estátua importada é a aparecida em Roma no início do século V, e que fora executada por Focesi, de Marselha.

À princípio os conquistadores romanos não davam valor algum a estas obras de arte, que muitas vezes quebravam; depois, graças aos generais Metelo e Mummio, tornou-se moda em Roma fazer figurar, nos cortejos triunfais dos vencedores da Grécia, as suas obras de arte; assim, foram estas trazidas aos milhares, das várias cidades, como sucedeu no triunfo do general Fulvio Nobilitor, em que figuraram duzentas e trinta estátuas de mármore e vinte e cinco de bronze; e no de Paulo Emílio, que fez encher duzentos e cinquenta carros de obras de arte. Por seu turno, o imperador Nero, mais tarde, fez transportar quinhentas estátuas de bronze, e procurou fazer deslocar, para Roma, o gigantesco **Júpiter Olímpio**, de Fídias, sem nenhum sucesso. (Segundo consta, esta estátua de 12m. de altura feita segundo a técnica chamada "**criselefantina**", ou seja, com o corpo de marfim e as vestes de ouro

sobre uma estrutura de madeira, e cujo trono era de madeira chapeada a ouro, e com embutidos de ébano, pedras preciosas e vidro colorido, foi levada para Constantinopla por volta de 394 d.C., onde foi destruída pelo fogo. É difícil de entender como essa colossal estátua foi transportada).

Graças a essas saques, Roma tornou-se uma cidade de estátuas, que, no dizer de Plínio, eram mais numerosas que os habitantes. Segundo testemunhas da época, seriam próximo de setenta mil só as obras de esculturas.

Diante da beleza destas estátuas, os romanos ricos começaram encomendar cópias e importar artistas, como o grego Praxíteles, que irá transmitir as lições de Atenas, Pérgamo e Alexandria. De início, os escultores romanos (o primeiro escultor romano, cujo nome a história guardou, foi Volca) trabalhavam com a argila, técnica aprendida dos etruscos. Os etruscos, nas pedras que fechavam os seus hipogeus, feitos sobre a terra ou abertos na rocha, usavam colocar figuras em alto relevo, feitas de barro cozido (terra-cota), representando as personagens em vida.

Após a adoção dos deuses estrangeiros desenvolveu-se uma estatuária religiosa, que não alcançou, porém, a importância encontrada em outros povos. O artista romano, essencialmente realista, preocupava-se mais com os baixo-relevos e com os retratos esculpidos. Sua fonte de inspiração não era a mitologia, mas a história, donde ele extraía uma arte eficaz de propaganda, que não só devia mostrar a personalidade individual, como despertar a consciência da nacionalidade. Os baixo-relevos são verdadeiros livros de história, como a procissão da Ara Pacis Augustae, um altar da Pax Augusta, deusa da paz, lugar de sacrifício, ao ar livre, onde se vê os membros da família imperial bem caracterizados; ou a Coluna de Trajano, executada em mármore, com 36,10m de altura, pelo arquiteto Apolodoro de Damasco. Ela celebra as duas guerras vencidas por Trajano contra os Dácios. (A estátua do imperador, que se destacava na alto da coluna, foi substituída, em 1587, por outra, de bronze, de São Pedro).

Assim, apesar da influência grega, a escultura romana adquire uma característica especial de documentário da realidade histórica.

Se, á princípio, as máscaras dos antepassados que se conservam nas habitações, são ainda modeladas em cêra, e depois pintadas, no velho costume etrusco; aos poucos, os artistas usam o bronze e o mármore, e vira moda ter-se retrato esculpido nesse materiais, símbolo de prestígio social. Contudo, o abuso deste costume foi tão grande que apareceu uma lei (**Jus Imaginum**) que definia quais as pessoas que podiam ser retratadas, como, por exemplo, os homens públicos. Os escultores passaram, então, a cincelar retratos (bustos) de muitas personalidades, com um impressionante realismo, que

constratava com os rostos, impassíveis e idealizados, que faziam os escultores gregos do período clássico. Nota-se, nestes trabalhos, o esforço de produzir o jogo de luz e sombra nos cabelos e nas barbas, e de desenhar de maneira incisiva a íris e a pupila, dando ao rosto movimento e uma expressão muito viva.

Entre as grandes obras romanas realizadas em bronze, há pelo menos duas, que se destacam por não sabermos se trata de trabalhos de artista etrusco com influência grega, ou de artista romano com influência greco-etrusca. Com elas: a **Quimera**, que representa um animal de três cabeças, sendo que na metade do lombo de um leão está a cabeça de uma cabra; numa extremidade a cabeça de uma serpente, e em outra a do leão, conforme a descrição da **Quimera** feita por Hesíodo na **Teogonia** (exposição metódica da genealogia dos deuses gregos). Esta estátua foi encontrada em Arezzo, em 1553, e restaurada por Benvenuto Cellini. A outra é a famosa **Loba Capitolina**, símbolo de Roma. Os gêmeos, colocados sob ela, foram acrescentados pelo escultor Antonio Pollaiuolo, no Renascimento.

Do início do Império, a estátua de mármore mais célebre é a de **Augusto Imperador**, com 2,04m de altura. É de um equilíbrio perfeito: ao braço direito estendido para a frente, corresponde ao pé esquerdo erguido para trás. Ao lado da perna do imperador, vê-se o deus Cupido, símbolo da **gens** (família) Julia, que se dizia descendente de Vênus, montado em um delfim, que recorda a batalha naval de Ácio. Interessante de se notar é a couraça, onde representa-se um bárbaro restituindo a um oficial romano uma insígnia legionária arrebataada pelos partas durante a derrota de Carre, em 53 a.C.. Já da época da decadência do Império, por volta de 176 d.C., uma das belas obras em bronze é a **Estátua Equestre de Marco Aurélio**, com 2,76m. de altura.

A primitiva arte cristã é a arte das catacumbas, a um tempo ingênua e simbólica. Contra a estatuária greco-romana, o artista cristão recorreu ao simbolismo para expressar a divindade. Eis alguns símbolos: a pomba (Espírito Santo, alma inocente), o pavão (vida eterna), a fenix (ressurreição), a âncora (esperança), o peixe (em grego **ichtus**, Jesus Cristo). Os escultores cristãos transformaram, assim, a escultura pagã em esculturas cristãs tumulares. Um exemplo é a estátua de **Hermes Crioforo**, que representa o deus grego carregando um cordeiro, que foi usada pelos cristãos como modelo de **Cristo, o Bom Pastor**.

PINTURA

A pintura em Roma é, antes de tudo, um documentário histórico. A princípio segue um estilo impressionista naturalista, e nos últimos tempos

do Império, expressionista espiritual, com certa influência oriental, principalmente egípcia, retornando ao impressionismo na primitiva arte das catacumbas.

No século III d.C., a escultura começa a ceder lugar para a pintura que, durante os séculos seguintes, irá dominar o campo da decoração interior. Infelizmente, nada ficou anterior à época de Sila (83-79 a.C.). O que sabemos da antiga pintura romana são descrições feitas pelos escritores latinos, como Cícero, Varrão, Vitruvius, Plínio, o Velho, dos enormes murais decorativos. Os primeiros muralistas são gregos instalados em Roma, como Gorgaso, Damófico, Licon e Patúvio; posteriormente, destacam-se os romanos Fabio Pictor, que decorou o **Templo de Salus** (deusa da saúde), Lucio Hostilio, que ganhou as honras de cônsul, por ter pintado o **Assalto de Cartago**, e outros dos quais só conhecemos os nomes, como Arélio, Tididio, Fâmulo, Pédio.

Deste modo, como aconteceu com a escultura, a pintura romana, de início, foi de imitação: copiava-se a técnica arcaica etrusca, usada nos hipogeus, onde se nota a diferença de colorido plano; vermelho nas figuras de homens e branco no das mulheres; mais tarde passou-se a imitar a arte grega de Polignoto, que foi o primeiro que se serviu da combinação das três cores primárias e fundamentais (azul, vermelho e amarelo), juntando-lhe uma tinta preta feita de bagaço de uva, donde se obtinha as cores sombreadas; e de Apolodoro, Aristides, Zêuxis e de Parrasio, que pôs em moda os quadros portáteis feitos em cavalete.

A pintura romana que se conservou é a **pintura afresco** (técnica à base de pigmentos diluídos em água e cal e aplicados sobre a parede coberta com revestimento fresco e ainda úmida. Seu inventor teria sido o grego Cimabue) e a **encáustica** (que em grego quer dizer queimar; porisso Nicias escrevia sobre seus quadros pintados com esta técnica: "eu queimei"). É um processo de cêra de abelhas fundida como veículo ao qual se incorporam os pigmentos, produzindo o efeito da nosso papel de parede. Ludio ou Studio, da época de Augusto, foi o primeiro romano a pintar paisagens itálicas nesta técnica.

Em Roma são raros os **afrescos** encontrados: há um num túmulo sobre o Esquilino e outro na casa de Lúvia, no Palatino. Felizmente, conservou-se uma imensa pinacoteca em Herculano, Pompéia e Stabia, sepultadas com a erupção do Vesúvio, ocorrida em 24 de agosto de 79 d.C., durante o império de Tito, onde estão registradas não só a pintura romana da época, como, através dela, toda a pintura helenística e, por extensão, toda a pintura grega. Ali, numa estreita relação entre a pintura e a arquitetura, artistas anônimos criaram o que se denominou **estilos** ou **períodos pompeanos**, em número de quatro: 1º)

Incrustação, do início do século I d.C. A parede, previamente coberta de estuque brilhante, é dividida em quadros pintados de cores vivas (amarelo, vermelho e preto), com tintas chapadas ou imitando o matizado da madeira ou do mármore. Ex. Casa Samnita, em Herculano, e Casa do Fauno, em Pompéia. 2º) **Arquitetônico**, que surge por volta de 80 d.C. Caracterizado pelo desenho de colunas, arcos, frisos, com quadrados ou losangos imitando o revestimento em colmeia dos edifícios públicos. Ex. Vila dos Mistérios, em Pompéia. É uma pintura mural, com friso de 1,88m de altura, onde 29 personagens surgem com vivacidade do fundo, avermelhado, praticando os **Mistérios Dionisiacos**. Também deste segundo estilo é o quadro **As Núpcias Aldobrandinas**, de 0,92 x 2,42, que foi descoberta em Roma em 1605, e colocado na residência do Cardeal Cíntio Aldobrandini, donde seu nome. Este quadro foi imitado por Rubens e Van Dyck. 3º) **Ornamental**, que aparece pouco antes da era cristã. Aqui também predominam os elementos arquitetônicos, combinados com motivos vegetais em fundos de uma só cor (preto ou verde). Ex. Casa de Lucrécio Fronto, em Pompéia. 4º) **Ilusionista** ou **Cenográfico** ou **Intrincado** é uma síntese dos anteriores, porém repleto de espirais, rosáceas ou ornatos metálicos. Usa cores ricas (cinábrio, amarelo, azul, púrpura); os personagens têm atitudes de atores, que se movem num cenário mítico. Ex. Casa de Vetti, em Pompéia.

Ao lado da pintura mural (mitológica, heróica, alegórica ou paisagista) aparecem pequenos quadros de cavalete, representando naturezas mortas, em que predominam as frutas, e que servem, freqüentemente, de tabuletas para as casas de comércio e tavernas. Os retratos atingem um realismo, que alcança, às vezes, a caricatura. Havia, também, quadros eróticos e pornográficos, em tal quantidade, que Propércio (**Elegias**, II, 6, 27) deplorava: "O primeiro, cujos pincéis traçaram quadros obscenos e que suspendeu em casas residenciais essas ignóbeis imagens, corrompeu os olhares cândidos das donzelas e recusou-se a contribuir para a sua ignorância em atos de depravação". Em Pompéia, ainda hoje, se podem ver pequenas alcovas reservadas às meretrizes, e que levavam seus nomes; em cada alcova existe uma pintura e todas ilustram as diferentes posições em que pode ser feito o ato sexual.

A pintura decorativa mural e de cavalete passam, a partir dos séculos III e IV d.C., para a pintura dos templos e hipogeus, que já no início da era cristã caminhava para uma rigidez de desenhos, que transforma os corpos em formas geométricas, e depois em formas esquemáticas e estilizadas.

A pintura das catacumbas longe de ser decorativa tem um caráter didático. Reproduz os símbolos cristãos, num estilo impressionista, para

explicar e tornar sensíveis aos fiéis os grandes dogmas da religião cristã. Esta arte, voltada para o transcendental, tem pouco interesse pela beleza do mundo sensível e do corpo humano; assim, em oposição a arte grega, despreza e considera nocivo a representação do nu. Até o século V, Cristo, nestas pinturas, aparece como um jovem imberbe com cabelos crespos; só a partir dessa época, é que surgem as imagens de Cristo crucificado e adulto.

MOSAICO

A partir do século IV manifesta-se a arte do mosaico, cuja linguagem própria vai ocupando o lugar deixado pela pintura. Plínio, o velho, atribui aos gregos a invenção desta arte, mas sabemos hoje que era conhecida em todo o Oriente muito antes deles. Os arqueólogos encontraram na antiga Ur, na Caldéia, um painel de mosaico datado de 3 500 a.C.

Limitada ao pavimento, esta arte transfere-se para as paredes em forma de painéis, e na época cristã vai servir de adorno das cúpulas e paredes dos templos. Os motivos variavam desde os simples ornato geométrico às cenas mitológicas e históricas.

Havia várias técnicas como a **emblemata** (as partes mais delicadas eram montadas sobre pedaços de madeira, que depois se encaixavam na superfície de painel), a **opus tessellatum** os **tessealarium** (de **tessarae**, pequenas pedras cubicas, formando reticulado) e **opus vermiculatum** (as pedras seguem as linhas do desenho); e utilizavam-se, além dos mámore coloridos, a cornalina, a ágata, o ônix, o lápis-lazúli. De acordo com Plínio, os mosaicistas romanos a fim de aplicar o mosaico sobre superfície de relevo irregular, nas volutas, por exemplo, usavam pastilhas de vidro em vez das pedras convencionais.

Os mais célebres mosaicos romanos são o **Mosaico de Palestrina**, descoberto no século XVII, que representa um episódio da viagem do imperador Adriano ao Egito; **A Batalha de Arbelles** e **A Batalha de Isso**, encontradas em 1830, na Casa do Fauno; em Pompéia.

O Cristianismo deu um novo impulso ao mosaico. Constantino favoreceu os mosaicistas, isentando-os de impostos; e a arte alcançou então extraordinário esplendor, principalmente em Bizâncio e em Ravena, onde, na Basílica de São Vital, há um belo mosaico, que, no estilo bizantino, representa a imperatriz Teodora fazendo oferendas à Igreja. Um dos mais notáveis monumentos revestidos com mosaicos é o **Mausoléu** erigido pela imperatriz

Galla Placídia, esposa de Constantino II e irmã do Honório, primeiro imperador do Ocidente, após a divisão da Império romano.

ARTES MENORES

Estas artes desenvolveram-se por influência etrusca e grega. Além da cerâmica, que deu origem aos inúmeros objetos em terracota de alto valor na arte profana e sacra de Roma, como os vasos de **Arezzo**, com relevo e fundo negro, e os vasos **Bucchero**, de cor vermelha escura, destinada a imitar o bronze, ornamentado com estampas, - apareceram o artesanato de moedas e medalhas, onde o pormenor é levado a extremos, e as minuciosas lapidações em jóias de ouro, prata em pedras preciosas, como a famosa, Gemma Augustea.

Criaram-se miniaturas primorosas. Varrão informa que havia em Roma, uma grega, Lala, que pintava miniaturas a encáustica sobre marfim, e que fazia iluminuras em manuscritos. Com a crescente combates na arena do Circo Maximo, fabricaram-se armaduras e elmos de bronze com relevos históricos ou mitológicos.

Cabe lembrar que na Roma antiga desdenha-se quem tinha que trabalhar para viver; assim o poeta a o escritor são hóspedes e amigos de seu patrono, enquanto que o pintor o escultor, o artesão, sendo assalariados, recebiam pouca estima da sociedade, pois entendia-se que seu trabalho implica esforço corporal.

MÚSICA

Pode-se afirmar que a música, em Roma, realmente floresceu com a subjugação da Grécia, em 146 a.C. Anteriormente, os romanos eram zelosos discípulos dos etruscos, cuja música religiosa usavam nos cultos e nos funerais. Em 639 a.C. promulgou-se uma lei, segundo a qual não se permitia nenhum exercício musical, a não ser o canto heróico itálico e a flauta latina: a **Tibia**, parecida com o **Aulos** grego. Um dos primeiros instrumentos de palheta com 2 tubos que podia ser tocado simultaneamente; dizia-se que curava a ciática se o tocassem sobre a parte afetada; é, também, o nome dado ao poema lírico acompanhado de flauta.

Em meados do século II a.C. começou a entrar em Roma a exuberante música egípcia e asiática; porém, foi com a influência da música

grega, essencialmente vocal, que a música romana cresceu, através da declamação cantada e do canto coral, que tiveram sucesso no teatro, nos jogos, nos sacrifícios e nos banquetes. (A palavra latina concerto significa disputar. Os músicos "disputavam" entre si, e o vencedor recebia uma coroa de louro do Imperador).

A música instrumental foi muito usada pelos romanos, principalmente para uso militar, como a **Tuba** (pistão comprido), para ataques e retiradas, e em alguns cultos; o **Cornu** (espécie de trompa, de chifre ou de bronze) para levantar acampamento, e nos jogos dos circos; a **Bucina** (pistão em forma circular) para anunciar a vigília; o **Lituus** (clarim, trombeta recurvada) usada pela cavalaria. O **Tambor** foi muito usado para marcar o passo nos ataques e, principalmente, nos cultos de **Mistério**. Havia, também, instrumentos de corda como a **Harpa**, a **Lira** (Nero era não só vaidoso do seu talento de cantor, como considerava-se um exímio toucador de lira. Aliás, foi ele quem inventou o **claque**, pessoas contratadas para aplaudir o artista).

O primeiro antepassado do órgão foi o **Syrinx** ou flauta do Pá. Em 265 a.C., Ctesibo, mecânico de Alexandria inventou ou melhorou o **Hydraulus**, um órgão hidráulico em que se utilizava água para estabilizar a pressão do vento, e que foi muito usado em Roma. Cícero considerava um concerto de órgão como um dos maiores prazeres de sua vida.

É de se notar que tanto os gregos como os romanos tinham a notação musical figurada pelas letras do alfabeto.

Com a difusão do Cristianismo, a música romana, através do canto religioso, derivado de melodias hebraicas, progrediu. A música cristã começou, provavelmente, por três cantos: o dos **Salmos**, animado pelas tradições judaicas; o das **Litanias**, de estilo popular, baseado nas tradições pagãs, sírias, egípcias, gregas, romanas, africana e gaulezas; e o canto do **Glória in Excelsis**, propriamente cristão.

Santo Ambrósio (morto em 397), bispo de Milão, foi o primeiro a organizar o canto; introduziu a **antifona** (dois coros alternados que se respondem) e fez o hino que mais tarde se chamou **Te Deum**. O papa Gregório Magno (590-604) condensou os cantos litúrgicos, hinos e responsórios em um livro chamado **Antifonário**, e fundou a primeira escola de canto, a **Schola Cantorum**, onde se aprendia a música por audição, empregando-se o monocórdio como diapasão. A partir dele, o canto cristão passou a chamar-se **Canto Gregoriano** (canto chão), cujas características são: monodia, diatonismo, ritmo livre e texto em latim. A nossa atual notação musical deriva da notação do **Canto Gregoriano** chamado **Neumática** (**neumas** significa conjunto de

pontos, acentos e sinais, figurando um contorno melódico ou uma parte do discurso musical).

DANÇA

Os romanos já praticavam danças sagradas de origem etruscas desde os primeiros tempos de Roma. Como as **Saturnalias**, (que deu origem ao Carnaval, que vem de **carrus navalis**, barco que era levado pelo sacerdote dançarino. Na era cristã passou a significar **carne vale**, isto é, adeus a carne, tendo em vista a aproximação da abstinência da quaresma), quando as classes dissimuladas sob disfarces, invertiam suas posições sociais; e ainda as **Bacanais**, e as **Luperciais**.

No teatro predominava a dança grega chamada **yhorais** (**khōros** eram grupos de moços e moças que cantavam e dançavam. A palavra vem de **yhoiren** ou **khorein** que deu o termo **coreografia**, grafia da dança). Dançavam-se em círculos, em filas ou em marcha. Famosos eram os **khironomes**, ou seja, arte de dançar com as mãos, que se transformou na **pantomima**. Em Roma, no tempo do Império, brilharam dois ex-escravos gregos mestres nesta arte: Bathille de Alexandria e Pylade de Samos.

Contudo, para muitos romanos a dança era considerada arte de afeminados e fanfarrões, que atentava contra a dignidade varonil. Cícero, por exemplo, em sua oração **Pro Licínio Murena**, diz: "Nenhum homem sóbrio dança, se não está fora de seu juízo, nem estando só, nem em algum baquete frugal e honesto; a dança costuma ser o último excesso dos banquetes, dos lugares amenos, e dos muitos regalos." Este desprezo pela dança talvez possa ser explicado pela transformação que ela sofreu ao deixar sua tradição e religiosidade para ser puramente instintiva e sensual.

Horácio (**Sátiras**, I a II; **Odes**, III e VI), Sêneca (**De Clemencia**, VII, 9) e Petrônio (**Satiricon**, III) são unânimes em afirmar que os festins terminavam invariavelmente em danças licenciosas. Jovens vestidas apenas com tecidos de tal forma transparentes, que pareciam nuas, ou vestidas de fios de pérolas que se afastavam sobre a nudez, dançavam bailados gregos orgiásticos como o Bibasis, oriundo de Esparta, no qual os executantes calculavam os saltos de maneira a bater com os pés nas nádegas; a Éclactisma, em que se erguiam os pés acima dos ombros; a Riknoma, em que se agitavam a cintura e as pernas. E Juvenal (**Sátiras**, XI) conta como as dançarinas de Gades (atual Cádiz) com suas castanholas, requebros lascivos e gritos obscenos, despertavam o erotismo dos convivas.

Havia, ainda, os **cinoedi**, bailarinos afeminados, e os **spataloccinoedi** bailarinos ainda mais lascivos, veteranos da devassidão. Eram educados muito cedo para estas funções; castrados na cidade de Delos, as damas romanas os tomavam como eunucos particulares. Juvenal (Sátiras, XI) e Marcial (**Epigramas**, V) contam que **oscinoedi**, depois da dança lúbrica, passavam de um leito para outro, a fim de satisfazerem cada conviva no que ele preferisse.

Os primitivos cristãos também dançavam; e ao que parece, até o século V da nossa era, não foram proibidas as danças dentro das igrejas.

PARA CONCLUIR

Para bem entendermos a arte da Roma antiga, é necessário que se destaque que a índole do romano, esse povo essencialmente prático, com uma incrível tendência para atividades políticas e militares, mas sem nenhum senso estético, o que fez com que sua arte fôsse de imitação, calcada em modelos gregos.

Tradicionalistas, os romanos gostavam de tudo que lhes falasse do passado, Patriotas e ciosos da prosperidade do Estado, sentiam orgulho pela grandeza de Roma, e estavam absolutamente certos da utilidade nacional de sua obra. Daí sua arte procurar dar satisfação à exigência de integridade e ausência de rodeios ao público, e acima de tudo, à exigência realista, exatamente por requerer do povo menor esforço do que qualquer descrição verbal. Sua arte realista é uma arte, por excelência, para despertar o nacional.